

Entrevista a:**João Sabugueiro, praticante de Aikido, construtor de armas para a prática de artes marciais tradicionais japonesas****1. Quando começou a construir armas?**

Fiz as primeiras armas em 2006. Fiz primeiro vários bokken Iwama Ryu. Ao fim de alguns meses de trabalho oficial com os bokken, fiz o meu primeiro Jo, também em 2006. Nessa altura, comecei a utilizar as armas construídas por mim na minha prática de Aikido. Ao longo destes anos, fiz, também, algumas para oferecer e partilhar com os colegas e amigos que praticavam comigo. Mais tarde, incentivado por colegas de prática e amigos que conheciam o meu trabalho e que

desejavam ter armas construídas por mim, em 2016, eu e a minha mulher, Ana Paula, tomámos a decisão de criar a marca "Almarez Buki". É um projeto conjunto com a Ana Paula. Eu tenho a meu cargo a produção oficial. Todo o restante trabalho da marca "Almarez Buki" é partilhado entre os dois.

2- Por que começou a construir armas? De onde veio a ideia?

Eu sempre tive uma prática oficial, mesmo desde adolescente. Enquanto estudava arquitetura, juntamente com outro colega, mantive uma oficina de marcenaria, que ajudava a fazer algum dinheiro. É, para mim, um prazer muito grande construir peças em madeira, envolver-me com os materiais e desenvolver este tipo de projetos. Ao longo dos anos tive a oportunidade de realizar muitos projetos com madeira que passam pelo mobiliário, acessórios e outro tipo de equipamento. Tornou-se natural, estando eu tão envolvido na prática de Aikido, construir as minhas próprias armas. Além disso, eu acredito, que as armas da prática são um instrumento pessoal. É fundamental a criação de um vínculo forte entre o praticante e a sua arma. Eu sinto que inicio este vínculo no ato de construção das minhas armas. Daí que, quando estou a construir uma arma, e dentro do possível, é importante para mim conhecer o praticante para quem ela se destina. Sinto que nesse momento se estabelece uma ligação com a pessoa que a vai usar.

**3- Há quanto tempo pratica Aikido?**

Comecei a minha prática de Aikido em 1994, na cidade do Porto. Em 1996, comecei a praticar com o prof. Carlos Portas, sob a orientação do mestre Takeji Tomita. Nesta altura, tinha uma prática diária de no mínimo, 2 horas. Fui instrutor de Aikido de 2005 a 2013. Neste momento, não pratico.

4 - Como se processa a construção de um Bokken, um Jo ou um Bo? Qual o seu sentimento durante a construção das suas armas?



Começo pela seleção da madeira. Escolho cada prancha de madeira com a consciência de que é um material precioso, um recurso escasso, que respeito e que sinto como vivo, dialogante. Isso impõe que cada prancha de madeira seja de máximo aproveitamento, para evitar o desperdício. Uso madeiras exóticas, de excelente qualidade, importadas para Portugal, madeiras de um abate sustentável. Escolho prancha a prancha individualmente, de modo a certificar-me que apresentam as especificações próprias para a construção de uma arma. Tem que estar bem seca, com um grau certo de humidade, o grão correto e uma boa superfície. Com o máximo de cuidado, faço as medições com vista ao aproveitamento total da prancha. Tenho por regra, não causar desperdício de madeira. Esta fase é muito importante. É preciso estar bem centrado. É o começo de um longo trabalho. Os cortes são decisivos do carácter de cada arma.

A minha primeira intervenção, passa por seleccionar as peças de madeira em função dos diferentes diâmetros do Bokken, Jo ou Bo, como também, assegurar a regularidade da superfície, o alinhamento com o veio da madeira e que a peça não tem fissuras, desvios ou empenos. Esta é a parte mais difícil na construção de um Bokken, Jo ou Bo. É nesta fase que revelam o seu carácter único. Uma peça de madeira representa uma longa história de Vida e do Ser vivo a que pertence, uma Árvore. Neste momento da construção, forma-se um Diálogo Vivo. Eu sinto-me parte dessa história, parte de uma relação, que impõe o que é possível avançar e construir. Eu não decido sozinho para onde vamos nem o que é possível concretizar ou o tempo que vamos demorar.

Cada arma, cada construção, obedece a leis próprias desse Diálogo. A inspiração para a criação de cada arma é construída na possibilidade deste Diálogo. É o que eu e a Ana Paula chamamos "Almarez", a Língua da Alma, um diálogo permanente com tudo o que É, a Árvore, Eu, a pessoa para quem se destina a arma, o dia que estou a viver... Muitas vezes tenho que parar com uma peça, trabalhar com outra, dar tempo e distancia para ganhar entendimento e tornar possível o Diálogo.

O mais difícil, para mim, na construção de uma arma, é equilibrá-la. Equilíbrio é a experiência interior da compreensão da prática refletida na expressão física e material de uma arma. Quando estava a construir um Bokken destinado a Christian Tissier, Shian, ouvi uma entrevista dele, onde ele falou da sua prática com Bokken. Nessa altura, senti que tinha de alterar o equilíbrio da arma que estava a construir de forma a poder corresponder ao sentimento que ele exprimiu do que é o seu entendimento da sua prática. Mais tarde,



quando ele recebeu a arma que eu construí, comentou que foi o Bokken melhor equilibrado que já tinha recebido. Esse equilíbrio que Christian Tissier Sensei reconheceu é a expressão desse Diálogo Vivo.

Antes de começar o meu dia de trabalho, eu e Ana Paula, diariamente, fazemos uma prática de silêncio, que nos ajuda a centrar e a focar. Mostra-nos o que é importante. Com essa atitude, começo o meu trabalho diário. Construir uma arma, é um trabalho muito exigente a vários níveis, difíceis de conciliar entre si. Tem um desgaste físico permanente, ao mesmo tempo que exige o máximo de concentração. É difícil permanecer nesta atitude por longos períodos de tempo. Por outro lado, não planeio e não controlo os desafios que cada peça pode levantar, dado ao seu carácter único. É muito diferente de operar com uma máquina ou realizar operações técnicas. Acarreta uma entrega e um envolvimento emocional e espiritual intensos. Como eu disse atrás, um Diálogo.



Preparo-me fisicamente, privilégio uma caminhada, diária, partilhada com a Ana Paula. Temos, também, uma alimentação macrobiótica. O meu foco é em estar presente e envolvido, com prazer. Quando me começo a sentir cansado, distraído ou distante, paro e envolvo-me noutras atividades. Por tudo isto, é difícil calcular o tempo de construção de uma arma. Nesta fase, tem sido possível respeitar o prazo de entrega de um mês.

5 - Como dá o acabamento final?

João Sabugueiro: O acabamento final é feito com óleos naturais. Desenvolvi uma técnica própria. O acabamento que dou às armas foi um dos fatores que mais impressionou os Mestres japoneses que conheceram o meu trabalho. Surpresa e muita



Leonardo Pereira Sensei com Bo Almarez Buki

curiosidade...

Aplico as camadas necessárias até sentir que a arma ficou impregnada e devidamente tratada. Os objetivos deste acabamento, além da conservação e tratamento da madeira, é conseguir uma superfície suave e fluida, que permita um bom toque. É possível, com este acabamento, praticar durante muito tempo sem sentir agressão nas mãos. O sentimento ao toque é de uma superfície muito agradável.

6 - Como se sente quando acaba de fazê-lo?

Quando acabo um Bokken ou Jo, por regra, sinto alívio e satisfação num trabalho terminado com sucesso. Sinto, também, uma forte ligação à peça, o que me dificulta separar-me dela. O alívio, vem da tensão que envolve a construção de uma arma. Implica muita atenção,

cuidado, respeito, esforço físico e grande envolvimento emocional. Estes fatores conjugados provocam muito desgaste a vários níveis.

Sinto alívio porque o mais difícil nesta escultura, para mim, é saber parar. A tentação de ir mais longe, de conseguir melhor, gera conflito interior. Parar é tão importante como começar. Um gesto a mais e pode alterar o equilíbrio da peça. Sinto muita satisfação, porque é uma peça lindíssima, feita pelas minhas mãos e que faz parte de uma tradição secular, que se estruturou numa forma material uma experiência interior muito rica, da qual faço parte e estou identificado. O meu desejo é que quem a receba sinta a mesma satisfação e prazer que eu experiencio ao construí-la. Vou-me apercebendo, com o passar do tempo, que são peças elaboradas, de grande detalhe e beleza, o que pode inibir quem as possui de praticar com elas, com receio de as danificar. Contudo, quero afirmar aqui a minha segurança, de que são peças extraordinariamente robustas que permitem uma prática melhor. As armas devem proporcionar, pelo seu equilíbrio, uma experiência de harmonia entre o próprio e a sua arma, condições fundamentais para a evolução na prática.

7 - Qual é o factor de diferenciação do seu trabalho ?

Primeiro de tudo, trata-se de cumprir uma tradição. Nesse sentido acho que não existe diferença formal significativa. Uma arma bem construída é o que é em qualquer parte do mundo. Tive oportunidade de que o meu trabalho fosse avaliado pelos principais Mestres artesãos japoneses e confirmaram exactamente isso acerca do meu trabalho. Contudo, acho que o meu trabalho se diferencia por ser exclusivamente artesanal, pela qualidade dos materiais que utilizo e acabamento, principalmente por ser um trabalho personalizado, por encomenda, que permite estabelecer o Diálogo de que falo atrás.

<https://www.almarezbuki.almarez.pt/>